

**Evento:** XXVI Jornada de Extensão ▾

A CONSTRUÇÃO DE SABERES FORA DO MODELO TRADICIONAL

Marília Bonotto de Moura ¹, Dionatan Mânica dos Santos ²

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido na Unijui; projeto de extensão realizado na Companhia Cadagy.

² Bolsista; Marília Bonotto de Moura estudante do curso de Educação Física; participante do projeto de extensão CADAGY, email: Marilia.moura@sou.unijui.com.br;

³ Orientador do projeto CIA CADAGY - Corpo em Movimento, Dionatan Mânica, formado em Educação Física pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUI.

INTRODUÇÃO

A Companhia Cadagy – Corpo e Movimento, vinculada à Unijui, é um projeto de pesquisa e extensão artística que reúne estudantes e membros da comunidade externa com habilidades em diversas linguagens artísticas — como artes circense, artes cênicas, capoeira, dança, malabares, lutas, ginástica, teatro — promovendo uma atuação multidisciplinar rica e inclusiva.

Com uma clara finalidade pedagógica, a companhia organiza turmas de iniciação voltadas para a experimentação de novas formas de aprendizagem. Nessa dinâmica, as participantes não apenas absorvem saberes, como também se capacitam para ensinar, corrigir e transmitir conhecimentos artísticos. Além disso, promovem intervenções artísticas, espetáculos e investigações dentro das diversas linguagens exploradas pelo grupo .

Ao longo do semestre e do ano, a Companhia realiza diversas intervenções, esquetes, recepções e apresentações, cada uma com propostas distintas que envolvem números técnicos e personagens em sintonia com o contexto em que são realizadas. Entre 2023 e 2025, esses eventos aconteceram especialmente em instituições de acolhimento para crianças e adolescentes — espaços simbólicos que enriqueceram as vivências dos participantes. O número de integrantes envolvidos variava de 2 a 12, conforme a proposta da performance. No entanto, todas mantinham um foco comum: promover o diálogo com a arte, gerar sorrisos e compartilhar alegria por meio das linguagens artísticas.



Este resumo apresenta as experiências vivenciadas por meio dessas intervenções, conectando-as à teoria da aprendizagem fora da sala de aula tradicional. O objetivo é evidenciar como essas práticas colaboram para o desenvolvimento integral de crianças, jovens e adultos.

METODOLOGIA

A metodologia adotada inicialmente segue o método de pesquisa bibliográfica, conforme abordado por Fonseca (2022). Esse processo envolve a busca e análise de referências bibliográficas em artigos acadêmicos, livros, revistas e websites, as quais servem de embasamento teórico para o desenvolvimento deste trabalho. Além disso, inclui o relato de experiência da autora do projeto, levando em consideração a perspectiva subjetiva deste trabalho. Também são incorporadas discussões com o coordenador da Companhia Cadagy, a fim de validar e enriquecer o relato com suas próprias experiências e contribuições.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presença de espaços físicos específicos não assegura por si só o direito à aprendizagem, pois esta transcende os muros da escola. Aprender não se encerra nas fronteiras institucionais: a educação ocorre em múltiplos contextos sociais, culturais e antropológicos, que estão em contínua transformação.

Quando tratamos de crianças, jovens e adolescentes, os desafios aumentam, já que tanto a educação quanto a sociedade são dinâmicas — em especial no que tange às linguagens em expansão e às novas formas de interação.

Desde o nascimento, é possível evidenciar a importância da imersão em diversas linguagens e contextos. Isso favorece vivências enriquecedoras que valorizem as expressões individuais de cada sujeito. Como observa Hoyuelos (2004, p. 123):



“A espécie humana pode exprimir-se em uma pluralidade de linguagens. Todas as linguagens se constroem em condições de reciprocidade e se desenvolvem através de experiência. Todas as linguagens têm o poder de gerar outras linguagens, novas lógicas e potencialidades criativas.”

Na perspectiva de Rubem Alves, o papel do professor moderno se distancia da transmissão mecânica de conteúdos e se aproxima do estímulo ao pensamento crítico. Segundo ele:

“A missão do professor não é dar respostas prontas. As respostas estão nos livros, na internet. A missão dos professores é provocar à inteligência, o espanto, a curiosidade.”

Alves propõe que o professor seja um "professor de espantos": um mediador que desperta a vontade de perguntar e imaginar, e que cria nas crianças e nos jovens a alegria de pensar, não simplesmente acumular informação.

Entretanto, na prática escolar, observamos que a lógica de aceleração — imposta pelo sistema — privilegia as metas e os índices de desempenho ao invés da construção de saberes significativos. A velocidade com que se busca cumprir currículos muitas vezes prejudica a escuta atenta e a intervenção pedagógica sensível. Em consequência, pode-se violar o direito à aprendizagem de quem ainda está em processo de formação. Um olhar mais cuidadoso, que promova autonomia e que respeite os tempos de cada sujeito, é essencial para garantir uma aprendizagem mais significativa e integral.

As escolas brasileiras podem ser comparadas com as fábricas, seguindo um modelo de linha de montagem, sendo estas organizadas por salas de aulas, séries ou anos, e após a turma de crianças/jovens se formarem estão prontos para o mercado de trabalho.

O processo se inicia com uma “peça original”, à qual, à medida que a esteira corre, os operários vão acrescentando as partes que irão compor o objeto final. Nenhum operário faz o objeto individualmente. O resultado da linha de montagem é a produção rápida e controlada de objetos iguais. A igualdade dos objetos finais é a prova da qualidade do processo, o que não for igual, é eliminado. (RUBEM ALVES, 2014 P.37)

A Escola da Ponte é dirigida por José Pacheco, nascido em Porto – Portugal no dia 10 de maio de 1951, formou-se em Ciências da Educação, se especializou em Música e Leitura e



Escrita. A Escola da Ponte, fundada por ele em 1976, em Vila das Aves (distrito do Porto), representa uma prática pioneira de educação democrática e inclusiva, sem turmas fixas, provas ou aulas tradicionais, como as que conhecemos. Ele implementou um modelo no qual os sujeitos decidem o que estudar e como se organizar em grupo, sendo avaliados de modo dialógico com tutores. A escola funciona por meio de assembleia deliberativa que reúne estudantes, professores e famílias, mantendo os princípios da autonomia, responsabilidade e solidariedade.

A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais do que aprender saberes, as crianças estão aprendendo valores. (RUBENS ALVES 2014, P. 45)

Durante os treinos da companhia, as atividades são organizadas em etapas distintas. Inicialmente, todos realizam alongamento, exercícios de força e flexibilidade. Em seguida, há um aquecimento com elementos de ginástica e uma aula de teatro voltada para a criação e desenvolvimento de personagens. Na etapa seguinte, cada integrante dedica-se à linguagem artística escolhida, como dança aérea, malabarismo, dança, patinação ou ginástica, proporcionando trocas interlinguísticas e desafios criativos.

Às manhãs de sábado, treina conosco Sofia, uma menina de 10 anos integrante do grupo Liberi, do Parque da Pedreira. Durante a semana, realiza aulas onde ela aprimora força, flexibilidade e técnica na lira. Nos treinos, compartilha seu conhecimento com acadêmicos e outras crianças, demonstrando como subir na lira ou realizar acrobacias. Esse momento de aprendizagem acontece de forma natural, sem instruções diretas de um professor, o coordenador observa e intervém apenas quando necessário. Para mim, essa experiência é valiosa: quanto mais ensinam, mais aprendem.

Essa dinâmica também se manifesta nas aulas coletivas, quando o coordenador reúne os acadêmicos da companhia e grupos de iniciação (crianças de 8 a 12 anos). É inspirador observar o compartilhamento de saberes entre eles, gerando uma aprendizagem coletiva e significativa.

Rubem Alves questiona: “Qual é a coisa mais difícil de ensinar, mais difícil de aprender, que quem ensina nem percebe que está ensinando, e quem aprende nem percebe que está aprendendo — e, ainda assim, a aprendizagem acontece sempre?” A resposta dele: é a linguagem.

Pensemos em um bebê de sete ou oito meses, que observam familiares conversando. Para ele, isso é divertido e útil. Logo começa a balbuciar e brincar com os sons. Ao

pronunciar a primeira palavra e perceber a alegria ao redor, ele aprende a falar sem instruções formais. Falar é parte da vida.

Nas intervenções em instituições de acolhimento, após apresentações, acolhemos as crianças e as convidamos a brincar com malabares, tecidos, lira ou patins, sempre sob supervisão. Nessas situações lúdicas, elas experimentam algo novo, muitas vezes ensinado por outras crianças, vivenciando experiências de aprendizagem únicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, percebo que a companhia Cadagy não é um espaço estático de transmissão de conhecimento. É um ambiente onde se aprende e se vive simultaneamente. Como afirma Rubem Alves: aquilo que se aprende a partir da vida jamais se esquece.

Os saberes adquiridos na companhia vão além da técnica. Estimulam habilidades pouco vivenciadas — formam sujeitos críticos, reflexivos e seguros. São futuros adultos capazes de se expressar, se posicionar diante de desafios e liderar com confiança.

Palavras-chave: Aprendizagem. Linguagem. Vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Docência na educação infantil: currículo, espaços, e tempo /organização Debora Teixeira de Mello, Aruna Noal Correa, Viviane Ache Cancian]. - Santa Maria: UFSM, Centro de Educação, Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo; [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2016. 228p.

ALVES, Rubem. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. 13ª ed. Campinas, SP.: Papirus, 2012.

STRAZZACAPPA, Márcia. Educação somática e artes cênicas: princípios e aplicações. Campinas. SP.: Papirus. 2012.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila; p 31